

FÁBRICA
ALELUIA

50

ANOS

M C M V

M C M L V

A V E I R O

P O R T U C A L

18648

REGISTO N.º 7364



1955/11/14



HISTÓRIA

DA



FÁBRICA ALELUIA

AVEIRO - PORTUGAL



1905-1955

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CINQUENTENÁRIO



JOÃO ALELUIA
1876 - 1935

FUNDADOR, GERENTE TÉCNICO, ARTÍSTICO E COMERCIAL, DESDE
A FUNDAÇÃO À SUA MORTE, OCORRIDA EM 20 DE
SETEMBRO DE 1935



ANA DA CONCEIÇÃO ALELUIA

1877 - 1948

ESPOSA E GRANDE AUXILIAR, DESEMPENHANDO OS CARGOS DE EMPREGADA DE ARMAZÉM, EMBALADORA E VENDEDORA, DESDE A FUNDAÇÃO ATÉ 1918

EVOLUÇÃO SOCIAL

1905

SANTOS MÁRTIRES

JOÃO ALELUIA & C.^A

1905

1906

DISSOLUÇÃO DA SOCIEDADE

JOÃO ALELUIA

TOMA A SI O ACTIVO E PASSIVO

1917

TRANSFERÊNCIA PARA A

RUA DA FONTE NOVA

bibRIA

1935

FALECIMENTO DE JOÃO ALELUIA

SOCIEDADE FAMILIAR:

VIÚVA E FILHOS
DE JOÃO ALELUIA

1941

SOCIEDADE EM NOME COLECTIVO
ENTRE OS FILHOS HERDEIROS

GERVÁSIO E CARLOS

ALELUIA & ALELUIA

1955

FAIANÇAS

FABRICO:

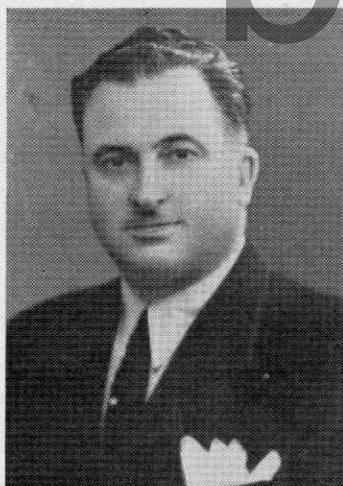
AZULEJOS

LOUÇAS { DECORATIVAS
SANITÁRIAS
DOMÉSTICAS



PRINCIPAIS COLABORADORES COMERCIAIS:

biblioteca



JOAQUIM SOUSA

GALERIA DE PARIS, 96

AGENTE DESDE 1930

PORTO



MÁRIO FORJÓ GOMES

RUA RODRIGO DA FONSECA, 70, r/c.-E.

AGENTE DESDE 1940

LISBOA



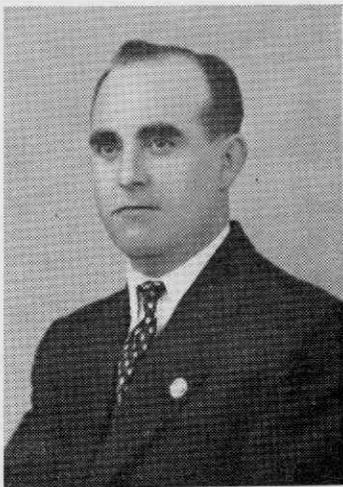


GERVÁSIO ALELUIA
GERENTE TÉCNICO
E
ARTÍSTICO
1955

bibRIA

CARLOS ALELUIA
GERENTE COMERCIAL
1955





ANTÓNIO GUEDES
36 ANOS DE SERVIÇO
ESTAMPILHAGEM



GONÇALO PINTO
35 ANOS DE SERVIÇO
FORNOS

CHEFES DE SECÇÃO
COM MAIS DE VINTE ANOS
DE SERVIÇO



LOURENÇO LIMAS
28 ANOS DE SERVIÇO
PAINÉIS



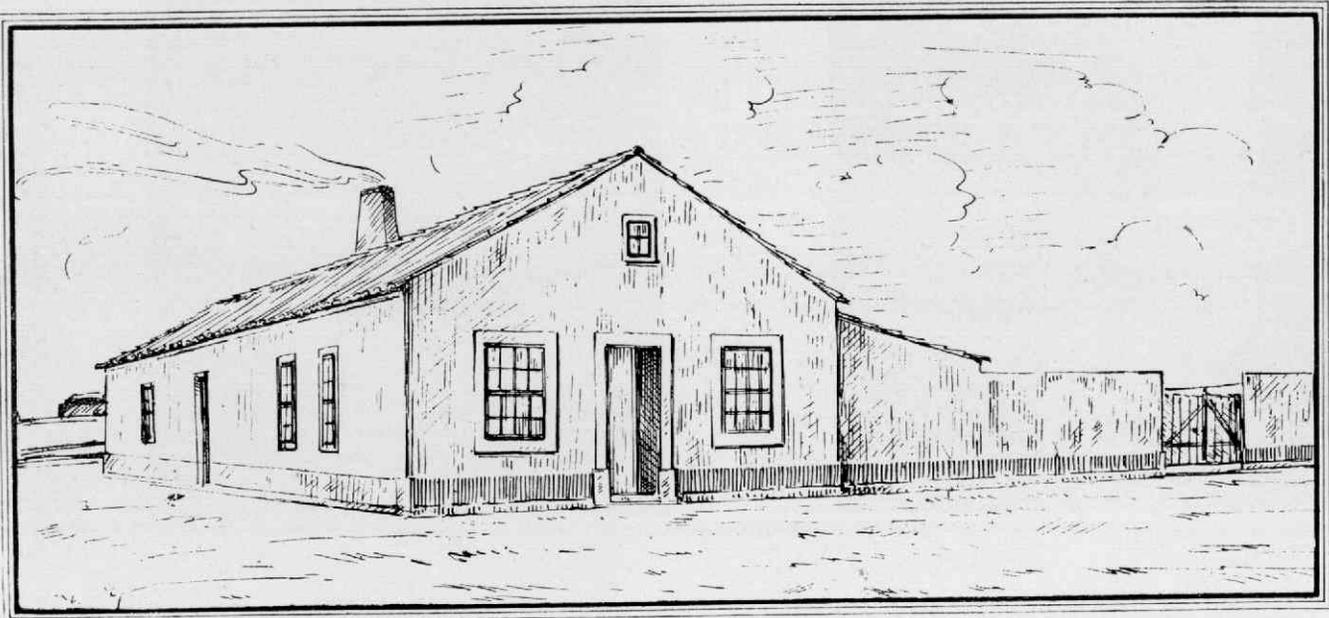
CARLOS JÚLIO MATOS
28 ANOS DE SERVIÇO
SANITÁRIOS



MANUEL SILVA
26 ANOS DE SERVIÇO
ARMAZÉM



JOÃO SALGUEIRO
24 ANOS DE SERVIÇO
LOUÇAS ~~SANITÁRIAS~~ DECORATIVAS



NO LARGO DOS SANTOS MARTYRES — 1905

A HISTÓRIA

bib**É**RIA

É simples, nas suas linhas gerais, a história da fábrica hoje denominada «Fábrica Aleluia».

E é simples porque nos cinquenta anos de existência só é rica de pormenores que, à síntese que se pretende dar, não interessam.

Divide-se em três períodos distintos a marcha destes cinquenta anos de trabalho:

1905 - 1916

1917 - 1935

1936 - 1955



Marca:

S.^{tos} MÁRTIRES — AVEIRO

J. ALELUIA

1905

(1.^a fornada: 4-6-1905)



Marca:

SANTOS MÁRTIRES - AVEIRO
1905



Marca:

1905 - 1.ª FORNADA

1.º PERÍODO

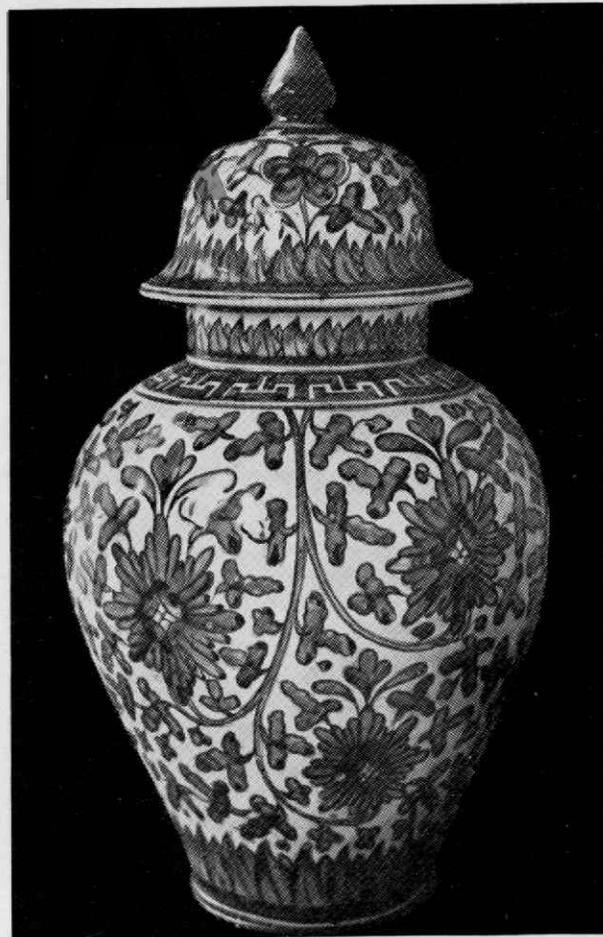
1905 - 1916

Ao nascer do século XX, o estado de próxima falência da Fábrica da Fonte Nova, de Carlos Melo & Irmão, causava apreensões a uma parte do seu pessoal.

João Aleluia que fora seu operário desde rapaz e que nestes anos ainda ali exercia a sua actividade, nas horas que a música lhe deixava vagas, pintando louças decorativas, pensou fundar uma fábrica do género — louças e azulejos.

Conseguindo capital emprestado nos amigos que a música lhe havia granjeado — destacadamente Domingos Leite — e juntando a si mais quatro operários que situação mais firme desejavam, constituiu-se, em 14 de Janeiro de 1905, em sociedade conforme notas do notário aveirense Manuel Cação Gaspar, hoje arquivadas na Secção Notarial do Museu de Arte de Coimbra.

A fábrica foi instalada em modesto armazém do Largo dos Santos Mártires, construindo-se um forno



Marca:

SANTOS MÁRTIRES
4-6-1905
J. ALELUIA

(1.ª fornada)

embora à base de louça doméstica destinada principalmente aos mercados da Beira Alta, e azulejos em pequeníssima escala, não deixou logo de iniciar a sua faceta artística. João Aleluia não deixou os seus pincéis em repouso. Desde a primeira fornada sempre apareceram jarras, pratos decorativos e painéis.

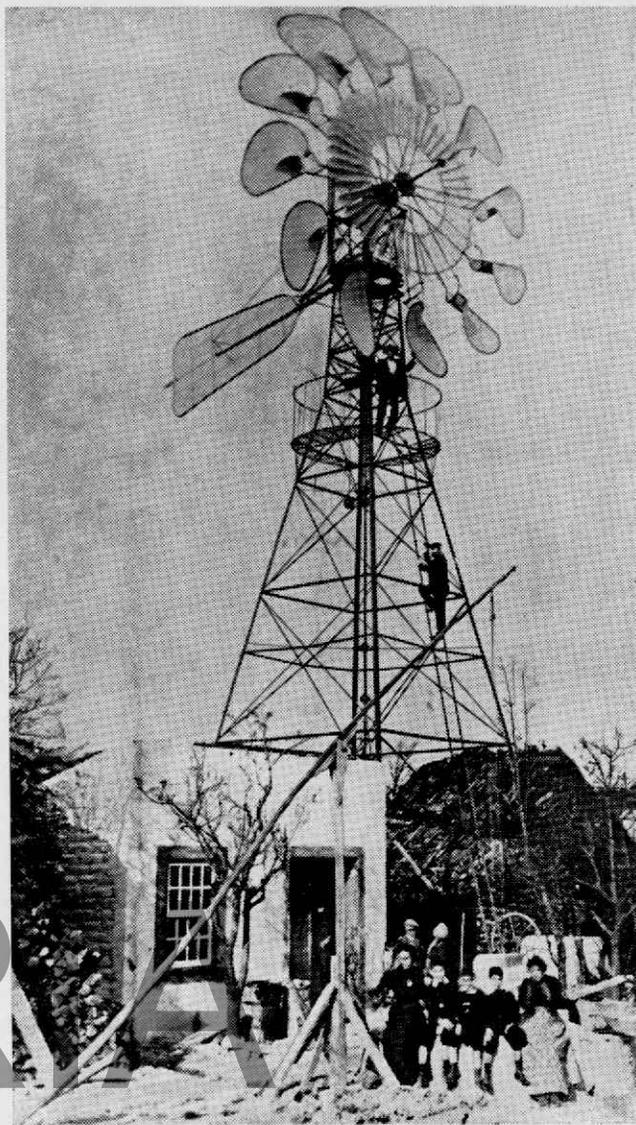
Sem qualquer elemento motriz, o vidro era moído na Fábrica Jerónimo Pereira Campos, até à aquisição de um moinho a vento.

Em 1911, os encargos de fundação estavam liquidados. Novo empréstimo, porém, foi feito por Domingos^{Leite} e João Aleluia compra a propriedade da Fonte Nova, sem entusiasmo porque não desejava dever novamente importância tão grande. Foi o Amigo que forçou essa compra, indo ele próprio efectuar-la. Esta dívida, no entanto, estava paga seis anos depois. A fábrica nos Santos Mártires começava a sentir-se acanhada. Já havia força a vento. O moinho foi construído por Manuel João Branco, da Quinta do Picado, e consta do inventário de 1915 com o valor de 50\$00. Este inventário elucida o valor total das instalações e existências em 31 de Dezembro de 1915^{que} era de 618\$70.

É evidente que tudo prudentemente tinha sido desvalorizado a ponto de o forno não constar com qualquer valor.

O apetrechamento era modesto. Pouco mais de um balancé manual para azulejos — fabrico por via húmida — duas rodas de oleiro (tipo primitivo) umas bancas para pintura...

O quadro do pessoal manteve-se em cerca de vinte pessoas por largos anos. A capacidade não exigia mais. Atravessava-se o período da primeira guerra mundial — 1914-1918. O valor da produção em 1916 foi de cerca de 6.000\$00. O quadro do pessoal era de dezanove pessoas e os salários desse ano foram de 2.362\$594.



2.º PERÍODO

1917-1935

O ano de 1917 foi o ano alicerce do futuro da fábrica. Liberto de dívidas, resolve João Aleluia transferir a fábrica do bairro dos Santos Mártires para a sua propriedade na Rua da Fonte Nova.

Novo empréstimo, mesmo prestamista.

As obras começaram em Janeiro, pela construção da primeira ampla oficina. Casa de fornos e dois fornos quadrados — mesmo sistema, mas de 46 m³ cada um. Para casa de lenhas foi adquirido em S. Jacinto um grande armazém de madeira, coberto a telha. Mais tarde foram instaladas as primeiras máquinas — local onde hoje é a oficina de preparação de pasta. A primeira oficina, é o rés-do-chão onde hoje está a secção de estampilhagem de azulejos. ✕

Foi comprado, na estrada da Gafanha, um moinho que funcionava com as correntes da ria, e nele instaladas mós para moer o vidro, auxiliando a precária eficiên-



NA RUA DA FONTE NOVA — 1917

cia do motor a vento — Este moinho de vento foi transferido para a Fonte Nova de 7 de Março a 29 de Abril de 1918.

A fábrica dos Santos Mártires não alterou o seu ritmo de trabalho, até que em 8 de Setembro de 1917 saiu a primeira fornada na nova instalação da Fonte Nova. Assim se fez uma transferência sem que se perdesse uma semana de produção.

Agora, alguns números curiosos da época:

O custo das obras de construção da nova fábrica, foi de	3.347\$87
Mais um barracão «S. Jacinto»	100\$00
Mais sua transferência, montagem e al- guma telha	108\$18
Compra dos moinhos da estrada da Gafanha	250\$00
Despesas de inauguração em 8 de Setem- bro de 1917	35\$89
<i>Total</i>	<u>3.841\$94</u>

Parecia que devia seguir-se um período de calma, mas não. Termina a guerra. Novos métodos de trabalho surgiram bruscamente. Ritmo de vida mais acelerado. Desvalorização da moeda. Ambições velozes. Alteração profunda do sentido moral de comércio e de indústria, etc. Reanima-se a velha fábrica da Fonte Nova, que há anos mantinha uma modesta e difícil vida; funda-se, em 1919, na Rua da Fábrica, a Empresa de Louças e Azulejos, Lda., arrastando da fábrica João Aleluia todo o pessoal maior útil e especializado com promessas de maior salário.



1.^a FORNADA
8-9-1917
F. N.

Em 1922 funda-se a Empresa Olarias Aveirense, Lda., que em 1924 inicia o seu fabrico na Rua das Olarias. É claro que foi à Empresa de Louças e Azulejos, Lda., buscar os mesmos operários que daqui tinham sido levados, novamente com mais elevados salários. Ninguém criava novos operários, porque nenhum dos fundadores dessas fábricas sabia criá-los. Só aqui, nesta fábrica, se



PRATO MONUMENTAL
APRESENTADO NA EXPOSIÇÃO DE 1922
(Diâmetro: 1,™24)



fez escola. Estas quatro fábricas, entrando em crise de abundância porque também em todo o País estas fábricas se multiplicaram em ritmo extraordinário, começaram a ter dificuldades financeiras. Assim surgiu a luta de preços para realizar dinheiro para fazer face principalmente aos pagamentos de «sábados». João Aleluia foi o único que não entrou na luta, amparado pelo bom

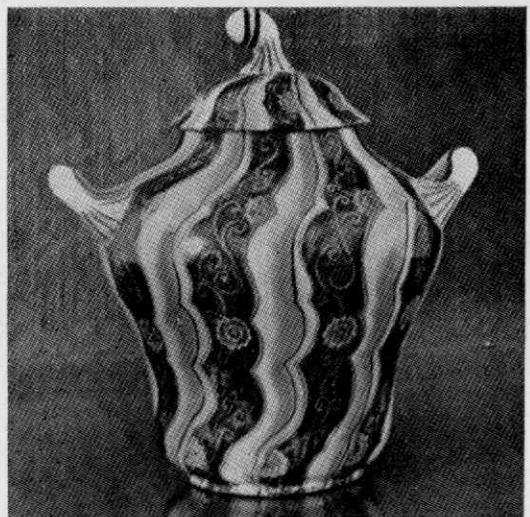


EM 1922 — EXPOSIÇÃO EM AVEIRO NA CASA DE MÓVEIS
DE FRANCISCO CASIMIRO DA SILVA

senso, pelo crédito e pela melhor qualidade da sua produção. E venceu.

Em 1931 faliu a Empresa de Louças e Azulejos, Lda. Em 1942, evitando o mesmo destino, foi a Empresa Olarias Aveirense, Lda., vendida à Fábrica Aleluia.

A Fábrica da Fonte Nova, velha e de tão boas tradições na cerâmica portuguesa, desaparecia também por

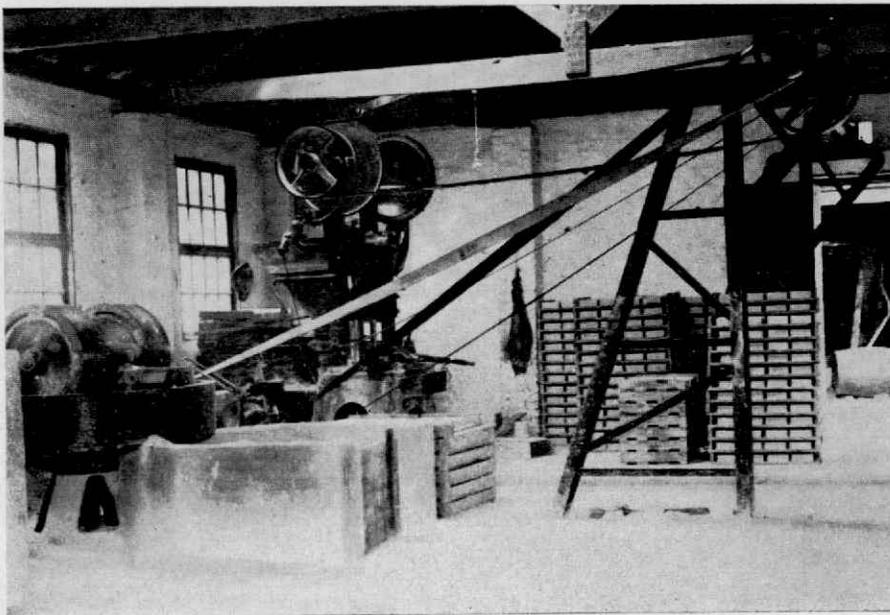
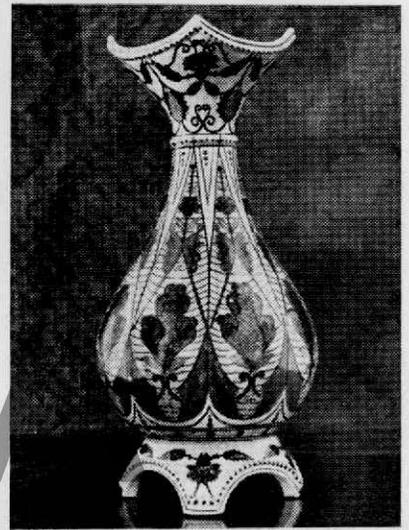
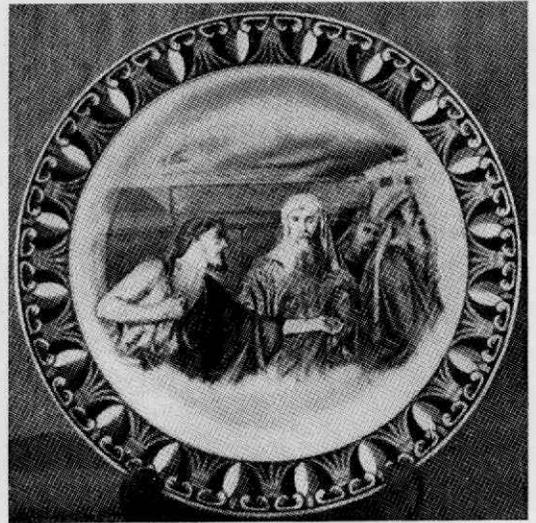


causas semelhantes, afectada, para mais, por graves fatalidades familiares que tanto penalizaram a própria cidade.

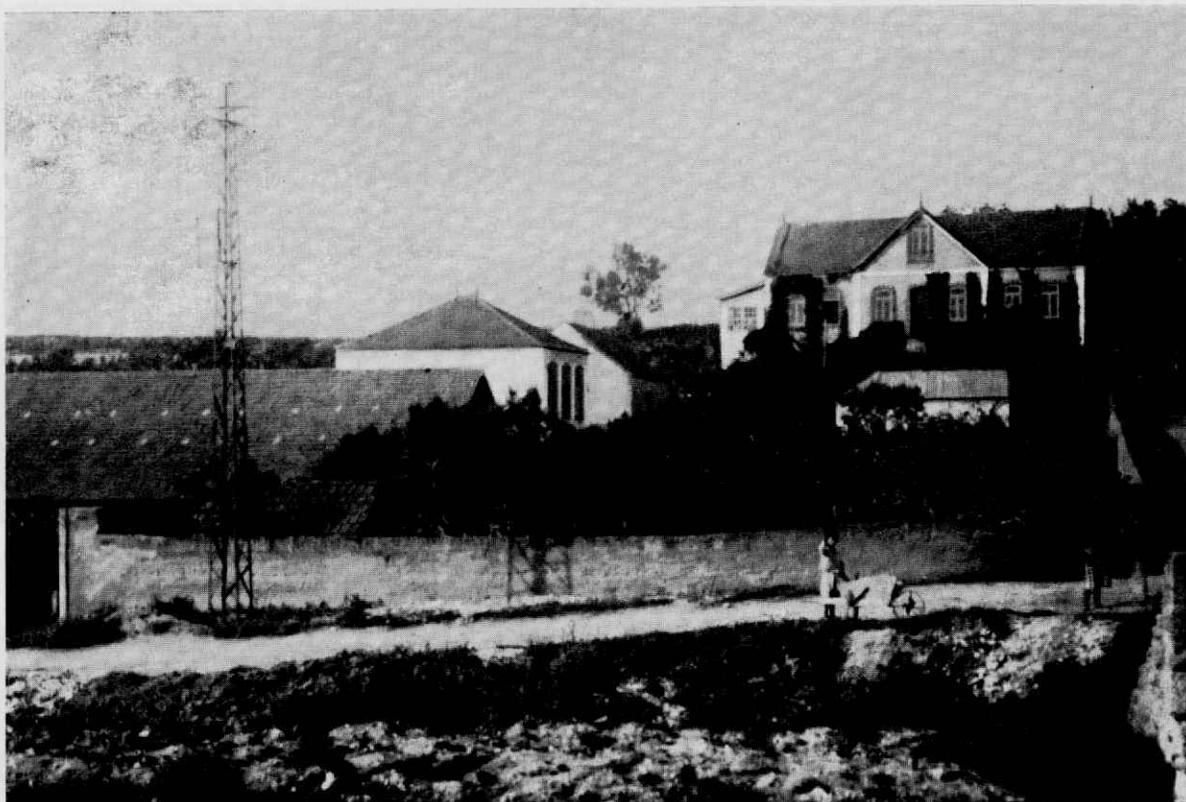
Dado um ligeiro apontamento do panorama cerâmico em Aveiro naquele agitado período, passemos ao desenvolver da fábrica dos Santos Mártires, na Fonte Nova, novamente só. Neste 2.º período procurou melhorar-se a técnica e economicamente o fabrico. Tinha-se iniciado, com a instalação do primeiro motor a gás pobre de 10/12 c.v., o ataque do problema da força motriz sem as contingências do vento e das marés.

Gervásio e Carlos, filhos do fundador, que em todas as fases, simultaneamente com os seus estudos, deram a sua decidida colaboração, integraram-se em absoluto no trabalho de fazer progredir esta unidade industrial. Em 1920 fazem renascer a secção de louças decorativas e painéis, que instalam no rés-do-chão da primeira oficina, na esperança de melhorarem os resultados económicos da produção.

Em 1922 fez-se a primeira Exposição, na casa de móveis de Francisco Casimiro da Silva. Como primeira aparição, foi um êxito artístico, mas estava demonstrado



1.ª OFICINA DA FÁBRICA
DE AZULEJOS — VIA SECA
1934



FONTE NOVA EM 1935

que não era aquele o caminho do desafogo económico e financeiro que se pretendia. Impunha-se a mecanização, romper com a rotina puramente manual. E surge então o primeiro plano sério de desenvolvimento.

Resolve-se passar a fabricar azulejos por via seca, técnica, aliás, já velha por outras bandas.

Em 1927 fica instalada a primeira série de máquinas Faure, de Limoges, para preparação de pastas brancas — Alsings, filtro-prensa, desintegrador, bombas especiais e o mais necessário a par de um motor Diesel de 32 c.v. — Esta mecânica em marcha, os balancés antigos e modernos para o fabrico por via húmida, são transformados. Em 1931 fica instalada a primeira prensa mecânica — DORST-Alemanha — e galga, de moderno sistema.

O desenvolvimento de produção e qualidade foi notável. Constroem-se dois pequenos fornos de chama reversiva. Impossível, porém, os fornos antigos satisfazerem: constroem-se duas muflas a carvão. Encomenda-se — 1933 — em Limoges,

o projecto de um forno circular de oito bocas. Era o rejuvenescimento, mas faltava muita coisa e havia desequilíbrios sérios. Em 1934, feito estudo cuidado, e convencido João Aleluia de que só pedindo dinheiro — e desta vez mais avultada quantia, pois a desvalorização da moeda criara números a que se não estava habituado — seria possível continuar a remodelação que a situação impunha.

Gervásio e Carlos vão à Alemanha, à Bélgica, à Inglaterra e à França. Nessa viagem vêem fábricas, máquinas, fornos e orientam-se para fixar o plano que conviria para o desenvolvimento da modesta unidade industrial que tinha passado a denominar-se «ALELUIA» desde 1922.

Em 20 de Setembro de 1935, quando tudo estava a ordenar-se, morre quase inesperadamente João Aleluia.

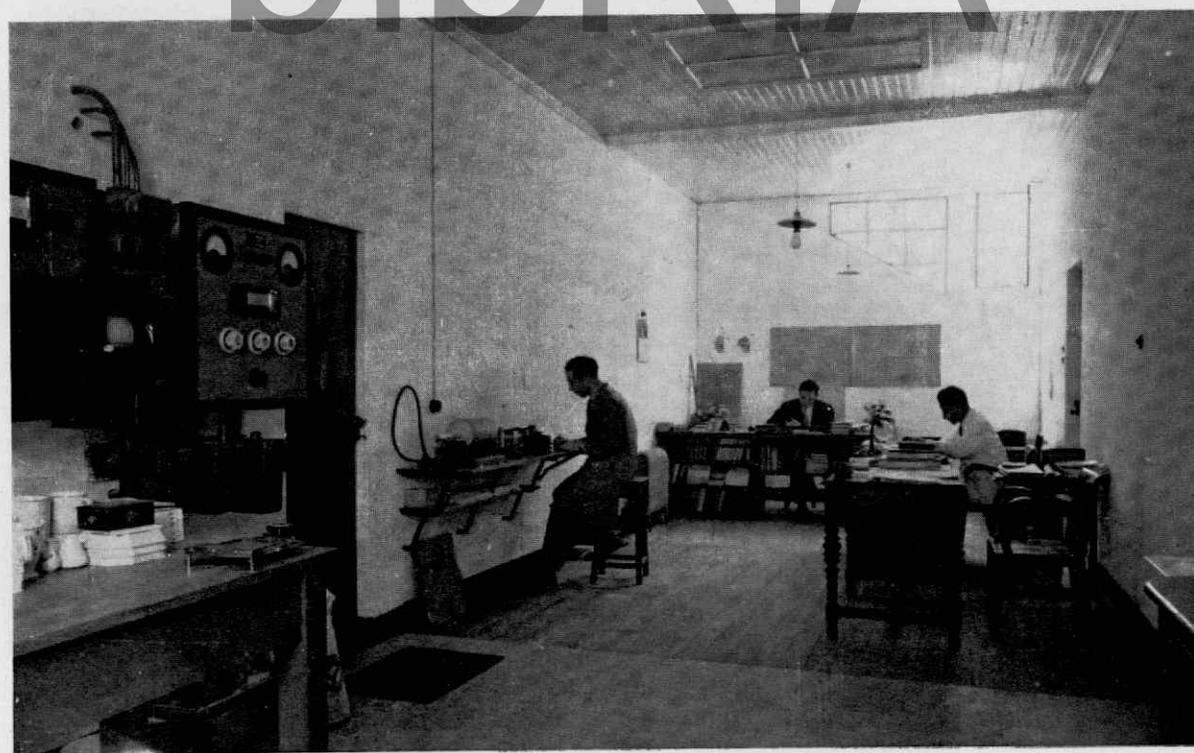
O quadro de pessoal era, em 1935, de 24 operários, com o salário anual de 77.698\$40 e a produção computada em cerca de 300.000\$00.

3.º PERÍODO

1936-1955



ESCRITÓRIO — SECÇÃO DE EXPEDIENTE



GABINETE TÉCNICO E DE «CONTRÔLE»

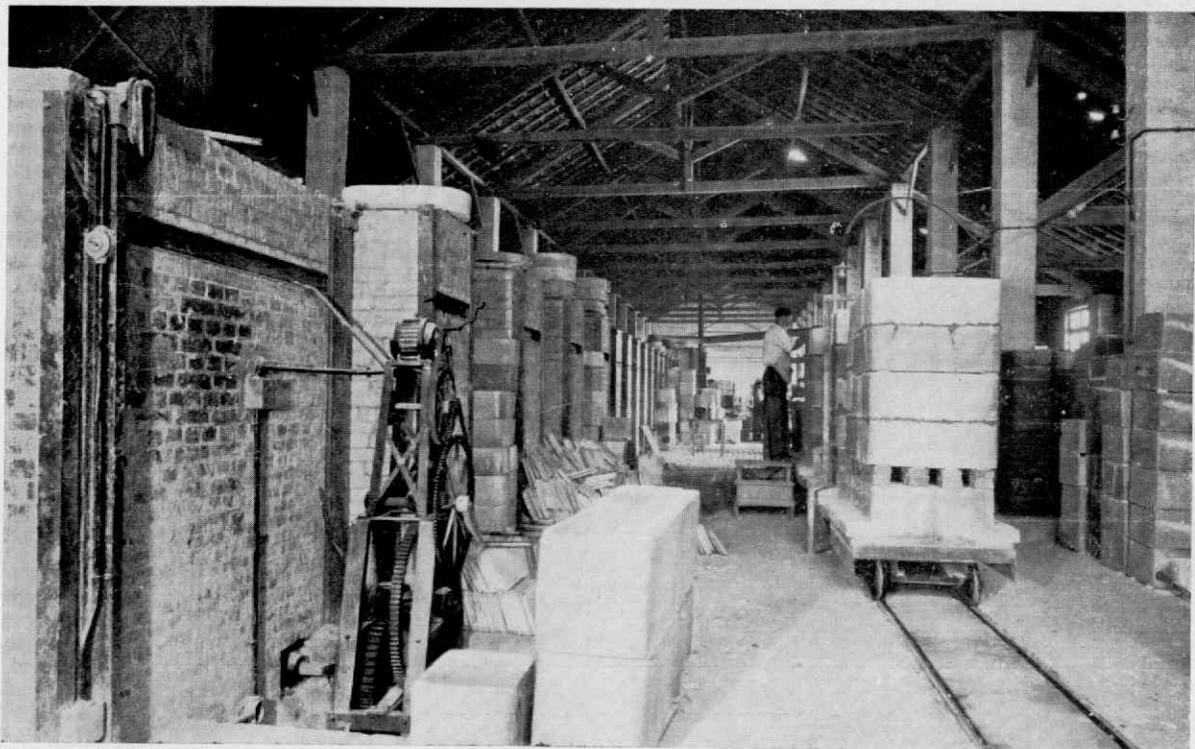


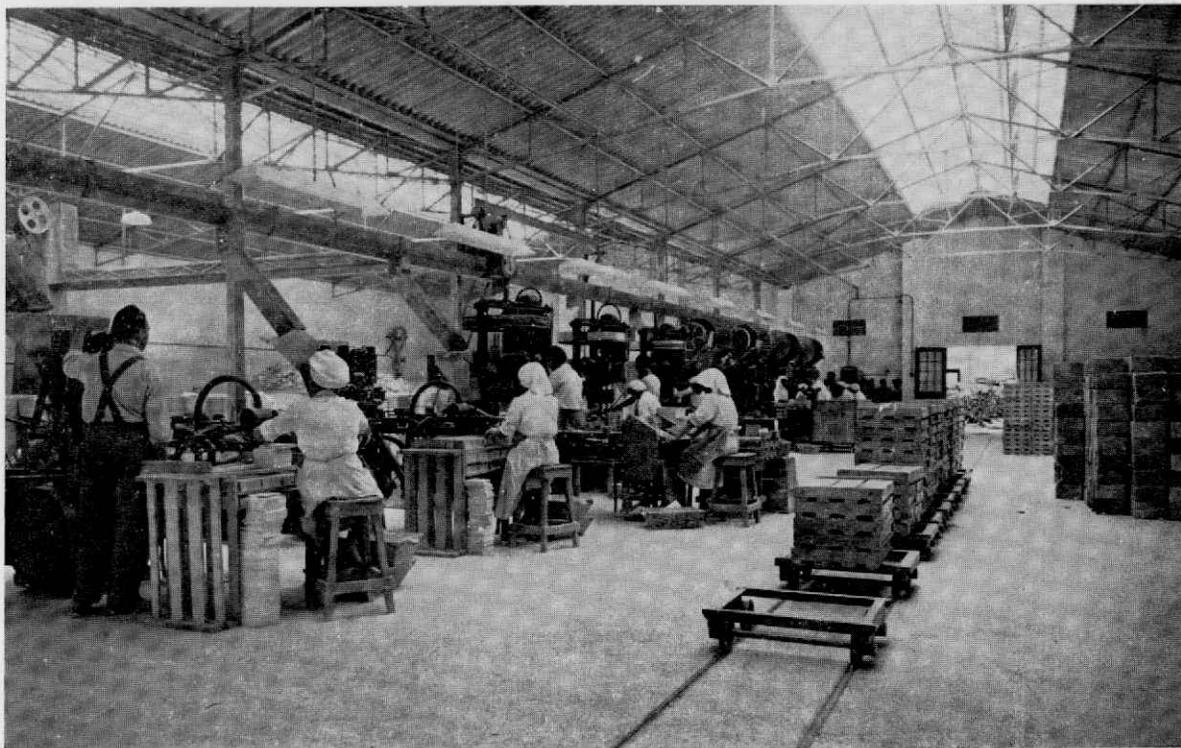
ARMAZÉM DE RECOLHA
DE
ARTIGOS FABRICADOS

ESTES vinte anos, que completam os cinquenta da vida da fábrica, não têm história. Além da compra, em 1942, da Empresa Olarias Aveirense, Lda., foram uma sucessão de obras, apetrechamentos e encargos para cumprir o primeiro plano elaborado e outros que lhe seguiram como consequência, felizmente com relativo êxito. Não está, porém, ainda a fábrica concluída. É neces-

bibRIA

FORNO-TÚNEL
N.º 2



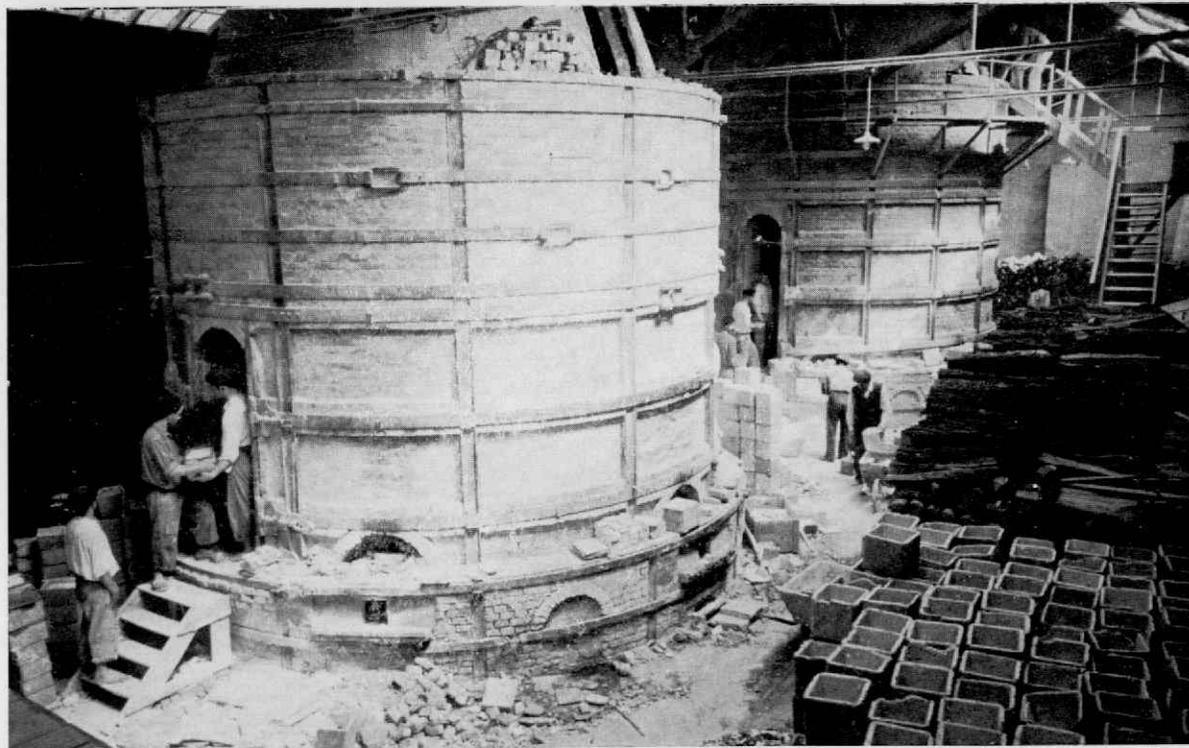


SECÇÃO
DE AZULEJOS

sário continuar porque novos planos há e com eles se inicia novo plano de desenvolvimento e aperfeiçoamento para se poderem acompanhar as experiências da época e dos mercados.

Dos vinte anos — 1936 a 1955 — aqui se dá conta, através de números e de fotografias, do aspecto actual de algumas oficinas e secções que traduzem o trabalho nelas desenvolvido.

FORNOS
INTERMITENTES





FORNO-TÚNEL
N.º 3

FORNOS

1935	{ 2 fornos antigos 2 muflas a carvão
1945	{ 3 fornos circulares 2 muflas eléctricas 2 fornos-túnel
1955	{ 3 fornos circulares 3 » túnel 5 muflas eléctricas

SECÇÃO
DE MUFLAS
ELÉCTRICAS





OFICINA

DE FABRICO
DE LOUÇAS
DECORATIVAS

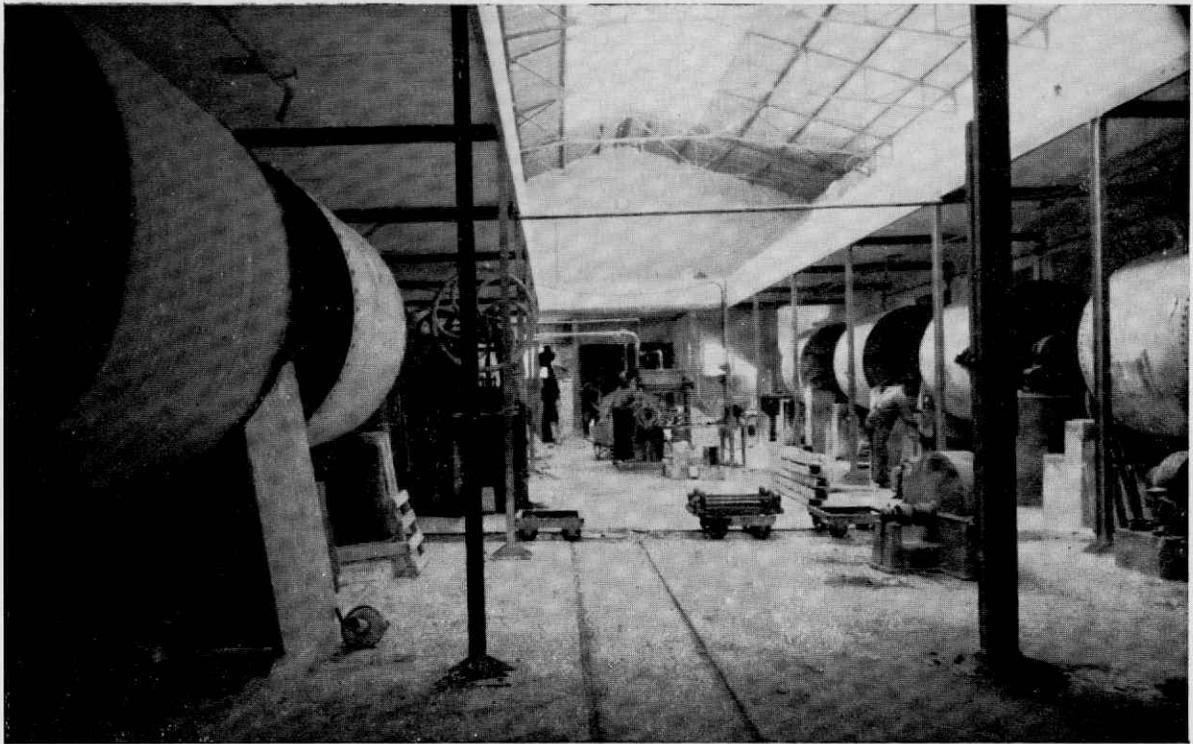
PESSOAL

Ano	Número	Valor dos salários e ordenados
1936	30	80.000\$00
1940	48	220.000\$00
1945	254	1.130.000\$00
1950	301	2.400.000\$00
1955	400 (cerca de)	5.400.000\$00

OFICINA

DE PINTURA
DE LOUÇAS
DECORATIVAS
SOB VIDRADO





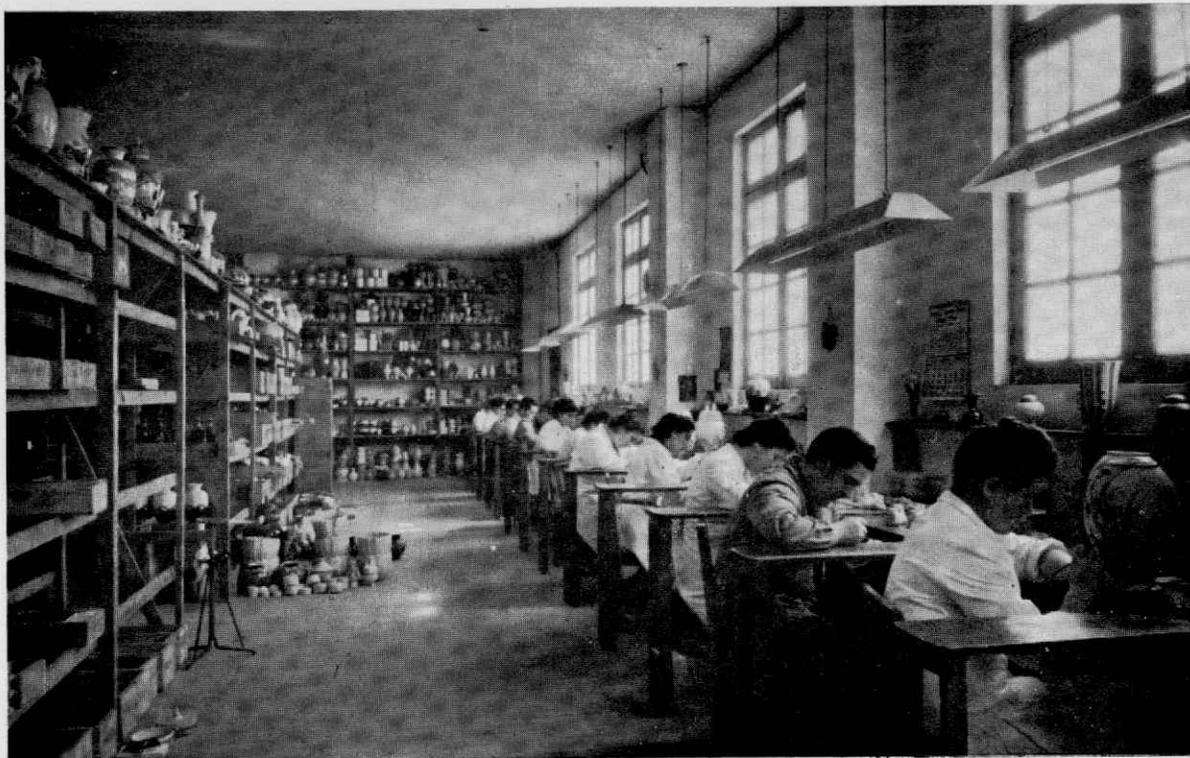
OFICINA
DE PREPARAÇÃO
DAS PASTAS

PRODUÇÃO
(Números arredondados)

1936	300.000\$00
1940	400.000\$00
1945	1.300.000\$00
1950	6.000.000\$00
1955	7.500.000\$00

OFICINA
DE PINTURA
DE PAINÉIS
DE AZULEJO





OFICINA
DE PINTURA
SECÇÃO
DE DECORAÇÃO
A OURO
E PRATA

ENCARGOS LEGAIS
DE CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO PESSOAL
E SEGUROS, ETC,

1940	4.770\$00
1945	134.035\$05
1950	406.366\$10
1955	558.732\$20 (o 1.º semestre, 279.366\$10)

OFICINA
DE PINTURA
- ESTAMPILHAGEM
DE LOUÇA
DOMÉSTICA





ARMAZÉM
DE ESCOLHA
DE AZULEJOS

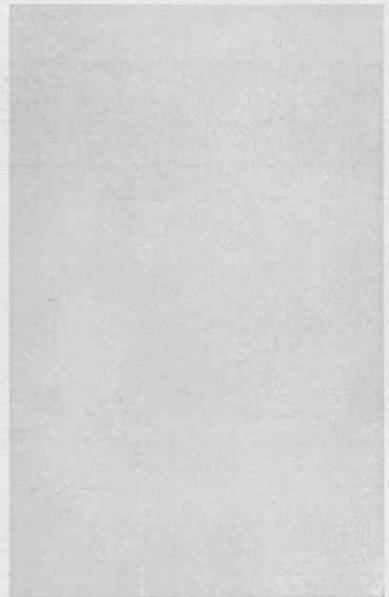
bibRIA

MÁQUINAS OPERATORIAS

1936	<u>33</u>
1940	43
1945	70
1950	95
1955	99

FORÇA MOTRIZ

1935	32 c.v.
1950	250 c.v.
1955	300 c.v.
electrificada a fábrica, com recepção de corrente a	5.000 v.



ASSISTÊNCIA

CULTURA

RECREIO

CULTURA: A Acção Cultural tem tido actividade.

Antes da Campanha contra o analfabetismo, já nesta fábrica, e na sua escola, se tinham feito desaparecer os analfabetos.

Mantém um grupo coral desde 1945. Tem feito teatro e tem proporcionado sessões de cinema. Tem realizado conferências e concertos por categorizados conferencistas e artistas.

Resumo destas actividades:

9 conferências.

12 serões.

10 espectáculos.



GRUPO CORAL



SALÃO DE FESTAS

Actividade do Grupo Coral:

35 concertos para a Emissora Nacional

Em Portugal } 38 concertos em teatros e salas
8 concertos de música espiritual,
em Igrejas

Em Espanha } 2 concertos em teatros
2 concertos de música espiritual,
em Igrejas

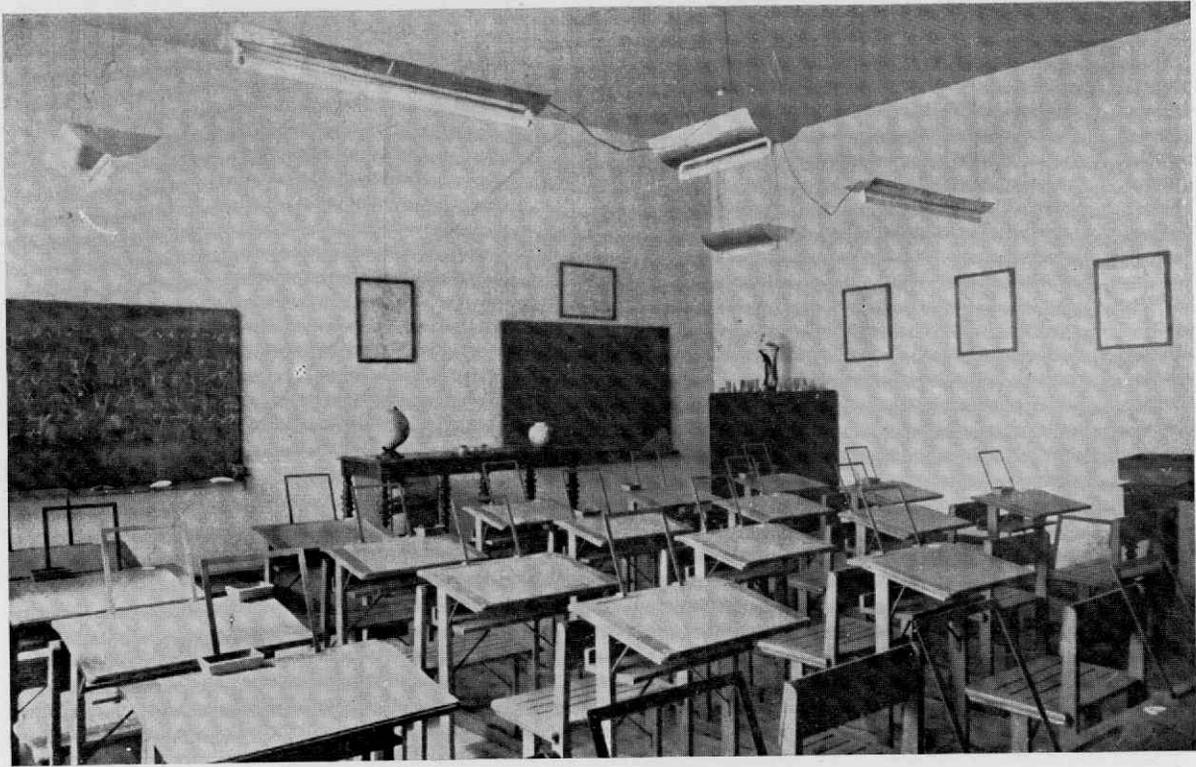
Partituras cantadas:

41 de música religiosa

48 de música descritiva e de género, etc.

25 de música popular





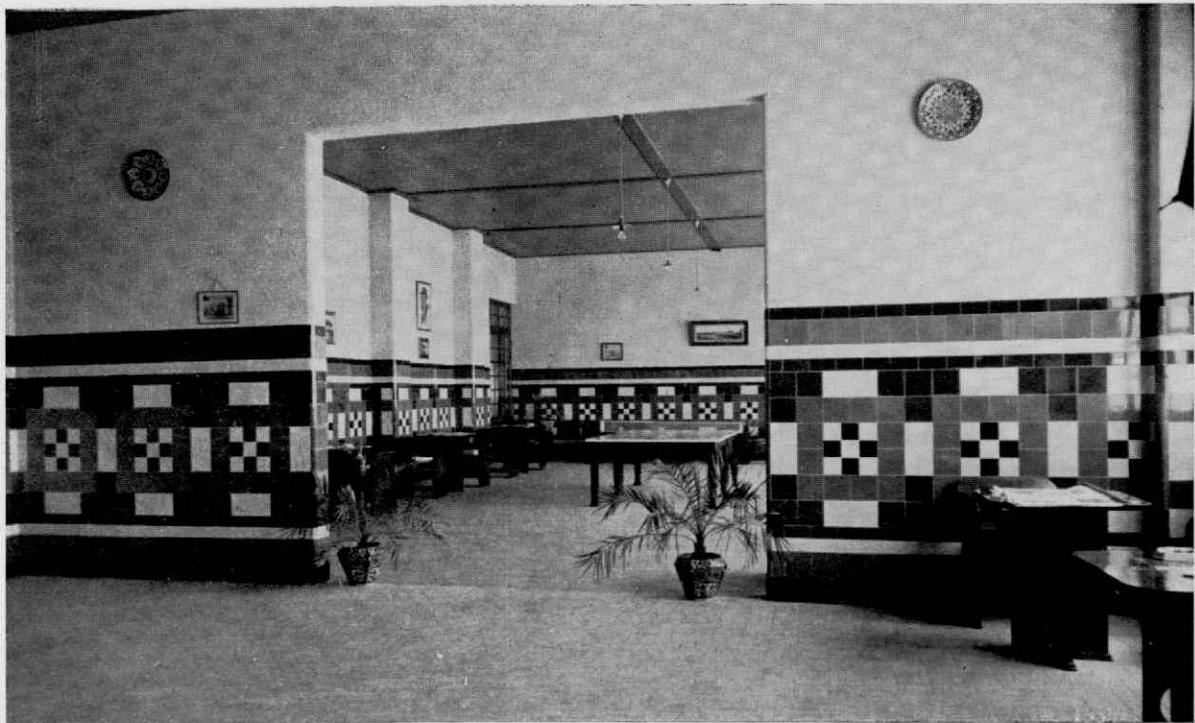
SALA
DE AULAS

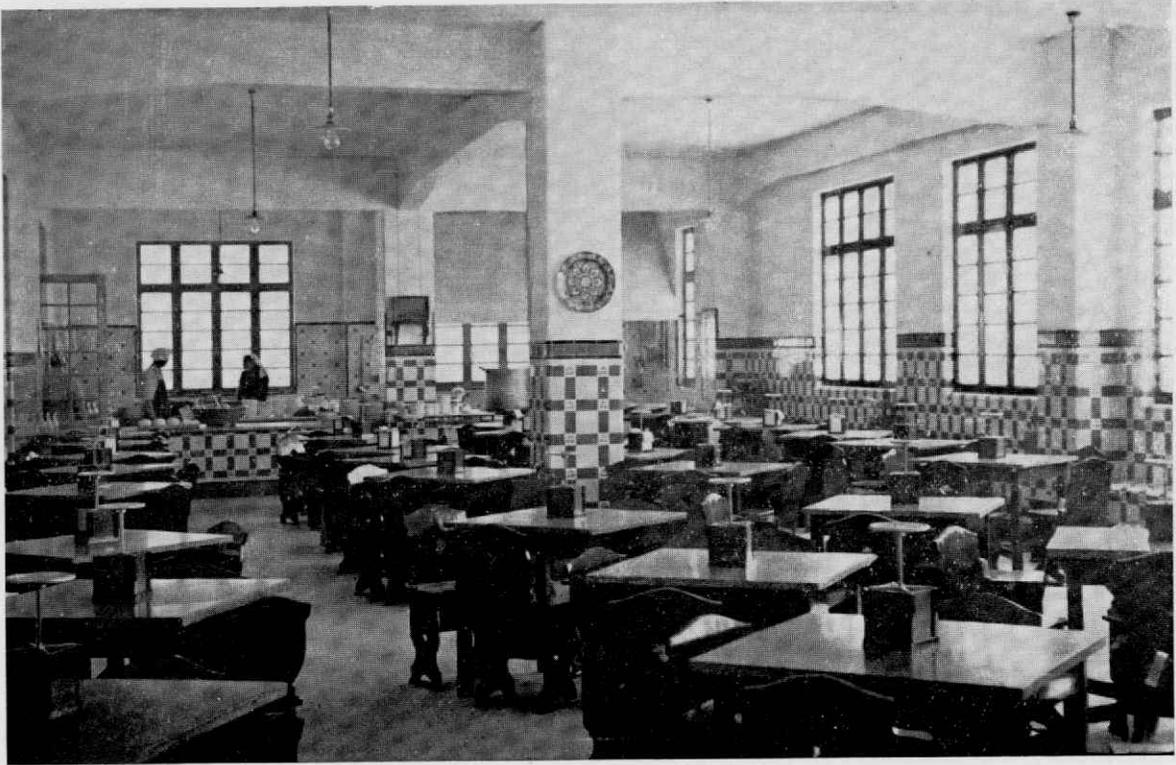
DESPORTOS

Jogos realizados::

70 jogos de basquetebol
(Campeões regionais da 1.^a cate-
goria em 1945/46)
6 jogos de futebol

SALA
DE JOGOS

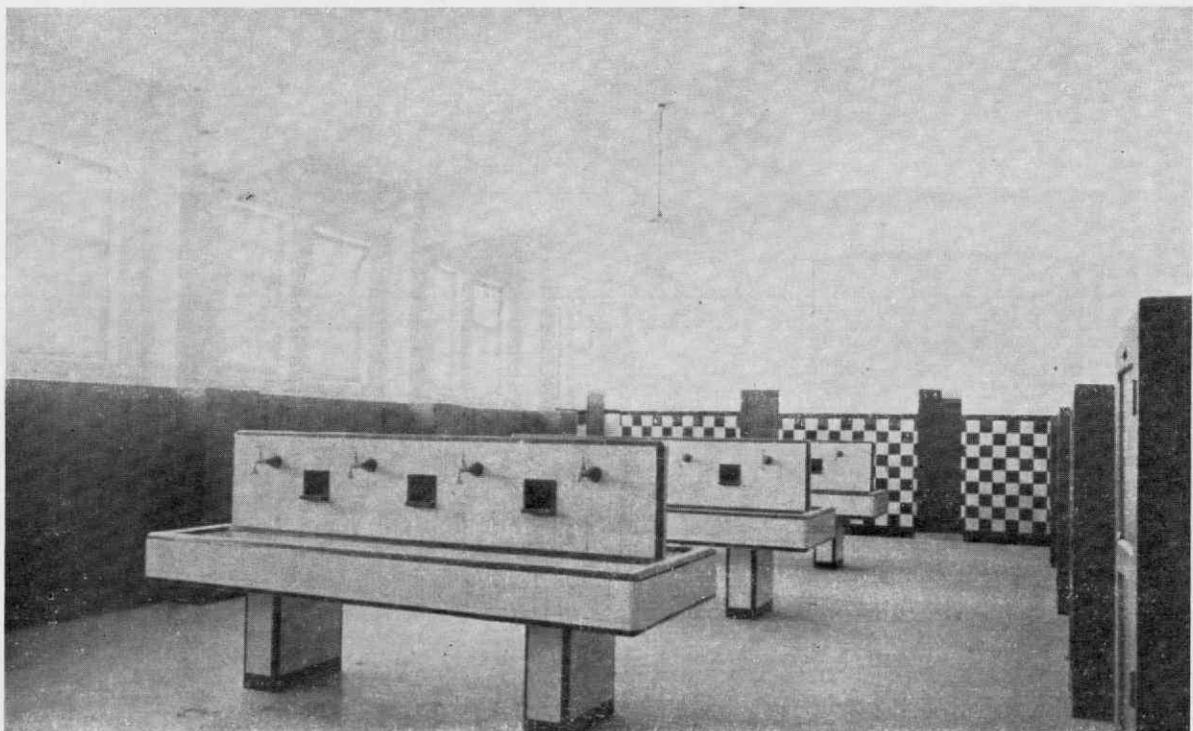


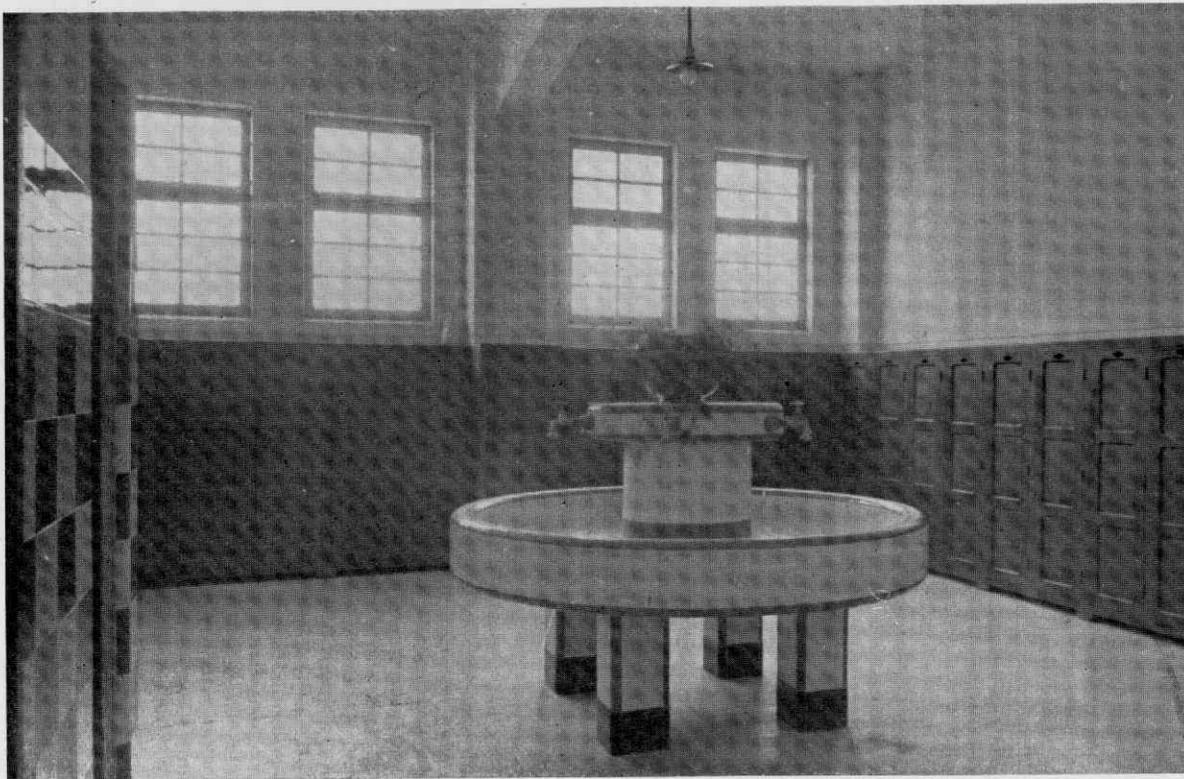


REFEITÓRIO
E COZINHA

bibRIA

BALNEÁRIO
E VESTIÁRIO
PARA HOMENS





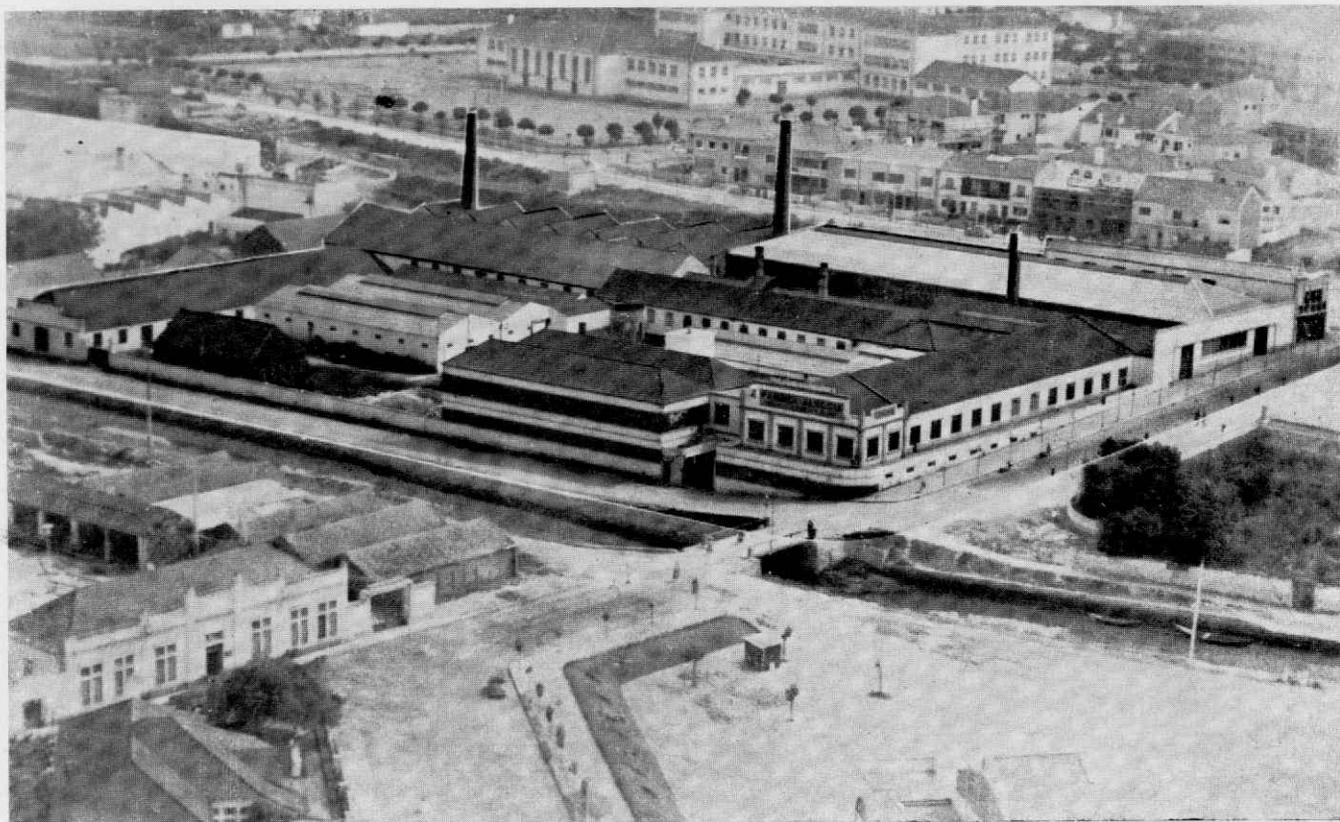
BALNEÁRIO E VESTIÁRIO PARA MULHERES

ASSISTÊNCIA

Desde a fundação que aos proprietários da fábrica preocupou o problema assistencial. Assim, muito antes da organização das Caixas de Previdência, já o pessoal tinha assistência médica, farmácia gratuitamente e subsídios. Até esta data já dispendeu cerca de 3.800 contos para tal fim.

Alimentação: Funciona há alguns anos uma cantina que fornece cerca de 200 refeições diárias. O preço das refeições é diferenciado proporcionalmente ao respectivo salário e existe o escalão gratuito.





VISTA AÉREA DA FÁBRICA ALELUIA – AGOSTO, 1955

bibRIA

Em 1905:

Área coberta	350 m ²
Área descoberta	280 m ²

Em 1935:

Área coberta	850 m ²
Área descoberta	7.200 m ²

Em 1955:

Área coberta	10.000 m ²
Área descoberta	28.000 m ²



BIBLIA

Justam Letur

6 October 1905

Amplificatio

9

bibRIA

COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA SANTELMO—RUA DE S. BERNARDO, 84—LISBOA